A crítica tecnológica de Álvaro Vieira Pinto à Oswald Spengler¹

Alberto Bezerra de Abreu*

Resumo

O objetivo do presente trabalho consiste em expor e analisar a crítica empreendida pelo filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto à concepção de tecnologia defendida por Oswald Spengler, adotando como metodologia a confrontação das obras específicas de ambos os autores sobre o tema: "O conceito de tecnologia" e "O homem e a técnica", respectivamente, complementando tal confrontação com consultas a outras obras de ambos os pensadores, bem como a estudos sobre eles. O cerne da crítica "vieiriana" ao pensamento de Spengler consiste em considerá-lo como promovendo uma hipostatização (substancialização) da tecnologia, ou seja, de descrevê-la como algo que transcende o humano, adquirindo autonomia em relação a ele, ficando clara tal perspectiva em virtude de sua explícita demonização da máquina. Ao dotar a máquina dum caráter diabólico, Spengler exime de responsabilidade os verdadeiros culpados pelas agruras contemporâneas da humanidade: o próprio homem, construtor não só das máquinas, mas também da organização social que legitimava e impunha uma verdadeira escravização do humano ao maquinal. O caráter social da tecnologia defendido por Vieira em oposição a concepção desta como sendo obra do gênio individual preconizada por Spengler parece-nos uma fecunda contribuição do presente trabalho para a literatura dos estudos de ciências-tecnologias-sociedades (CTS), haja vista a possibilidade que tal enfoque nos dá em termos de democratização da tecnologia, em contraste com suas recorrentes utilizações em prol do privilégio de minorias, pois sendo uma criação coletiva (social), deve a tecnologia ser usufruída em semelhante medida por todos. Esperamos ainda contribuir para a difusão do pensamento deste importante e pouco conhecido filósofo brasileiro chamado Álvaro Vieira Pinto.

Palavras-chave: tecnologia; substancialização; crítica; sociedade; democratização

^{*} Mestre em filosofia pela Universidade federal de Pernambuco (UFPE)

¹ O presente artigo constitui um trecho de nossa dissertação, intitulada "Álvaro Vieira Pinto: (ab)usos ideológicos da tecnologia em questão" defendida no ano de 2012 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Introdução

Em sua exposição temática acerca do conceito de tecnologia, Vieira Pinto elegeu alguns teóricos do tema cujas respectivas perspectivas são consideradas ingênuas e empreendeu-lhes críticas no intuito simultâneo de apontar-lhes os equívocos, bem como de reforçar e aprofundar suas próprias concepções (por isso mesmo, tais autores não são abordados em capítulos exclusivamente dedicados a eles, mas aparecem em diversas partes da obra, vinculados a algum desdobramento específico do tema geral da tecnologia). De uma maneira geral, os teóricos da tecnologia criticados por Vieira possuem dois aspectos em comum: a concepção negativa da tecnologia, bem como a crença (explícita e assumida em uns, implícita e não assumida ou mesmo negada em outros) em sua autonomia.

O presente texto expressa o confronto entre a concepção "vieiriana" da tecnologia enquanto mediação entre o homem e a natureza e aquilo que o autor intitula substancialização ou hipostatização da tecnologia, ou seja, sua absolutização, presente, segundo ele, no pensamento de Oswald Spengler. Ao afirmar que "A tecnologia não é causa mas mediação" (PINTO, 2005, p. 286), Vieira defende que à tecnologia, enquanto instrumento, não pode ser atribuída qualquer qualificação que não seja exclusivamente instrumental, ou seja, "A técnica pode ser qualificada boa ou má, porém apenas *in genere suo*, a saber, se os atos mencionados como tais alcançam ou não o fim a que se destinam" (Ibid., p. 178, grifo no original), em flagrante desacordo com a perspectiva spengleriana de demonização da tecnologia, que a concebe como dominadora do humano, portanto, como agente e não como mero instrumento.

Procederemos da seguinte maneira: após contextualizarmos o pensamento de Spengler, mediante breves incursões em sua obra capital — a saber, "A decadência do ocidente" —, adentraremos propriamente em sua teoria acerca de tecnologia, exposta em "O homem e a técnica". Cabe ainda salientar que nosso método de confrontação seguirá três passos: consulta e exposição da crítica de Vieira, empreendida no volume primeiro de "O conceito de tecnologia"; consulta e exposição da obra de Spengler mencionada por Vieira ("O homem e a técnica"), ambas ocorrendo simultaneamente no segundo tópico do presente artigo, intitulado "O homem e a técnica"; consulta e exposição da obra "A decadência do ocidente" não mencionada por Vieira, bem como de comentários de autores diversos sobre o pensamento spengleriano em geral (no primeiro tópico do presente artigo, intitulado "Oswald Spengler: a decadência do ocidente contemporâneo como paradigma") no intuito de alcançarmos uma visão mais ampla de suas respectivas teorias, objetivando que nossa visão acerca Spengler não se torne demasiado condicionada pela interpretação vieriana.

1 – Oswald Spengler: a decadência do ocidente contemporâneo como paradigma

a) "A decadência do ocidente"

Oswald Spengler conquistou ampla popularidade com a publicação de seu célebre escrito "A decadência do ocidente" (1917)². Sua tese central consiste em dividir a história em fases pelas quais passam todas as culturas³ à semelhança dos organismos vivos, empreendendo-se assim uma morfologia da história. Trata-se, portanto, de aplicar o método das chamadas ciências naturais ao âmbito da história. Nas palavras de Patrini: "O livro é a aplicação para o domínio histórico e cultural do método 'morfológico' elaborado originalmente por Goethe para as Ciências Naturais" (PATRINI, 2010, p. 2) ⁴. Ainda segundo Patrini, "Spengler defendeu uma visão cíclica da História e das Culturas, uma História sem qualquer 'sentido' ou direção" (Ibid., p. 2, grifo nosso), ou seja, prescinde o autor de concepções teleológicas da história, sendo nítido neste sentido sua oposição a célebre perspectiva da história como progresso necessário, defendida por Hegel, Marx e Comte, entre outros. É neste sentido que afirma Spengler: "Cada um descobre no presente os 'sintomas' de um progresso linear, especialmente significativo, não porque possa comprová-lo cientificamente, mas porque o acha desejável" (SPENGLER, 1982, p.32). Assim, para Spengler, cada cultura nasce, amadurece, declina e, por fim, morre, tal como acontece com os seres vivos, de tal modo que opõe ele à "natureza morta" de Newton a "natureza viva" de

² O segundo volume foi publicado em 1922.

³Spengler opõe os termos "cultura" e "civilização": "A civilização é o destino inevitável de cada cultura. [...] Civilizações são os estados extremos, mais artificiosos, que uma espécie superior de homens é capaz de atingir. São um término. Seguem ao processo criador como o produto criado, à vida como à morte, à evolução como a rigidez, ao campo e à infância das almas como a decrepitude espiritual e a metrópole petrificante. Representam um fim irrevogável, no qual sempre se chega, com absoluta necessidade" (SPENGLER, 1982, p. 47). Michael Harrington afirma: "'Como a morte vem após a vida, a civilização é o inevitável destino da cultura', vaticinou Spengler. Para ele e muitos outros, essa fórmula significava o triunfo de uma existência mecanizada e superficial ('civilização') sobre a rica vida orgânica ('cultura')" (HARRINGTON, 1967, p. 4). Em suma, para Spengler a civilização constitui o declínio/decadência da cultura.

⁴http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Augusto%20Patrini.pdf. Collingwood, por sua vez, afirma sobre o método de Spengler: "A história propriamente dita é substituída por uma morfologia da história, por uma ciência naturalista, cujo valor consiste na análise externa, no estabelecimento de leis gerais, e (o que é índice decisivo dum pensamento não histórico), a pretensão de predizer o futuro, segundo princípios científicos" (COLLINGWOOD, 1981, p, 228-229). Tal pretensão de previsão histórica é assumida pelo próprio Spengler já no primeiro parágrafo da introdução da obra em questão; afirma o autor: "Neste livro acomete-se pela primeira vez a *tarefa de predizer a História*. Trata-se de visionar o destino de uma cultura, por sinal da única no nosso planeta a ter alcançado a sua plenitude, a saber, a cultura da Europa ocidental e das Américas. Cabe-nos *predefinir o curso que sua evolução tomará nas fases futuras*" (SPENGLER, 1982, p. 23, grifos nossos).

Goethe (SPENGLER, 1982, p. 39), representando elas, respectivamente "o *mundo como mecanismo* e o *mundo como organismo*" (Ibid., p. 43, grifos nossos). Uma elucidativa (e crítica) síntese do pensamento de Spengler é realizada por Collingwood nos seguintes termos:

Segundo Spengler a história é uma sucessão de unidades individuais e independentes⁵, a que chama culturas. Cada cultura tem um caráter específico; cada cultura tem por fim exprimir este caráter em todos os pormenores da sua vida e do seu desenvolvimento. Mas uma dada cultura assemelha-se a todas as outras por ter um idêntico ciclo de vida, semelhante ao dum organismo⁶. Começa com o barbarismo duma sociedade primitiva; prossegue, desenvolvendo uma organização política, as artes e as ciências, etc., a princípio de modo grosseiro e arcaico, florescendo depois no seu período clássico, entrando a seguir em decadência, e afundando-se depois num novo tipo de barbarismo em que tudo é comercializado e degradado, acabando assim a sua vida. Deste estado de decadência não emerge nada de novo; esta cultura está morta e o seu poder criador está exausto⁷ (COLLINGWOOD, 1981, p. 228).

Aplicando tal perspectiva ao lugar e ao tempo no qual viveu, Spengler concebeu o ocidente contemporâneo como em processo de declínio/decadência; o contexto no qual tal formulação se deu não foi gratuito, possuindo pelo menos dois motivos facilmente identificáveis: 1) a influência do pensamento de Nietzsche; 2) o contexto de crise no qual para o qual o continente europeu avançava ainda antes da chamada Primeira Guerra (dita) Mundial. Sobre este segundo aspecto, cabe salientar o seguinte: embora o primeiro (e mais popular) tomo de "A decadência do ocidente" tenha sido publicado em 1917 (portanto, quando a acima mencionada guerra – que durou de 1914 até 1918 – já se encontrava não só iniciada, mas também consolidada), Spengler afirma no prefácio da primeira edição deste que "Esta obra, resultado de três anos de trabalho, já estava terminada na sua primeira redação, quando começou a Grande Guerra" (SPENGLER, 1982, p. 15). Tal afirmação, caso seja realmente verdadeira, corroboraria a citação por nós anteriormente exposta, na qual Spengler afirma ser tarefa da obra em questão predizer a história. É neste sentido que afirma Patrini: "Por causa da derrota alemã em 1918 na 1ª Guerra Mundial, o 'espírito do tempo' (Zeitgeist) pessimista ou cético parecia corroborar com muitas de suas interpretações" (PATRINI, 2010.

⁵Ao mencionar o caráter independente de cada cultura no pensamento de Spengler, Collingwood contrasta tal perspectiva com a Toynbee (historiador nitidamente influenciado por Spengler): "É essencial para a concepção de Toynbee que algumas sociedades sejam descendentes de outras; a continuidade da história fica assim salvaguardada [...] Na concepção de Spengler, não é possível uma coisa como o parentesco entre civilizações. Não há qualquer relação positiva entre uma cultura e outra" (COLLINGWOOD, 1981, p. 230).

⁶Para Spengler, "[...] a história humana é a totalidade de enormes ciclos vitais" (SPENGLER, 1982, p. 23), os quais, segundo ele, "se repetem" (Ibid., p. 24).

⁷ "Cada cultura tem suas próprias possibilidades de expressão, que se manifestam, amadurecem, definham e *nunca mais* ressuscitam" (SPENGLER, 1982, p. 39, grifo nosso).

p. 1). Consideramos a menção ao "espírito do tempo", contido na citação acima como decisivo para entendermos o pensamento spengleriano, afinal, qualquer pessoa que tenha um conhecimento mínimo da história europeia do final do século XIX percebe que a eclosão duma guerra entre as grandes potências econômico-militares do ocidente no início do século XX não seria de modo algum surpreendente⁸ (ao contrário, sua não eclosão seria de surpreender). Assim, embora o pessimismo de Spengler não possa ser diretamente extraído da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial (pois a publicação do primeiro volume da obra deu-se antes do término do conflito⁹), ele se origina de um contexto maior no qual o "espírito do tempo" era de *niilismo* e *decadência*, para utilizarmos dois termos recorrentes em Nietzsche e que seriam retomados ainda por outro pensador alemão: Martin Heidegger¹⁰.

A concepção nietzschiana da decadência é bastante ampla, consistindo, grosso modo, naquilo por ele definido como inversão que desvaloriza o mundo real (sensível, imanente, no qual agora nos encontramos) em prol dum mundo ideal, imaginário (transcendente); para ele, tal inversão tem no ocidente a figura de Platão¹¹ como paradigma (com sua ode ao mundo inteligível em detrimento do mundo sensível), sendo o cristianismo – por Nietzsche intitulado como "platonismo para o povo" ¹² – o responsável pela vulgarização de tal perspectiva, substituindo o mundo platônico das ideias pelo paraíso divino¹³. Ao conceber este mundo imanente como o único real Nietzsche considera tais projeções transcendentes como negação da vida em prol de uma ilusão; para ele, esta decadência não se restringe ao mundo antigo e medieval, abrangendo também a modernidade, a qual não constitui um período de mera continuidade da decadência antiga e medieval, mas antes a intensificação desta, sendo suas especificidades as ideias políticas igualitárias: democracia, socialismo, anarquismo, etc. Ao analisar tais "ideias modernas", Nietzsche

Nelas identifica e denuncia um procedimento marcado pelo ressentimento, uma tendência moderna a aplainar as diferenças individuais das pessoas por uma imposição uniformizadora, e ataca o reino do animal de rebanho. É desse ponto de vista que avalia os

⁸ Cf. HOBSBAWM, 2005c, p. 417-451.

⁹Uma possibilidade de replicar tal argumento seria afirmar que, passados mais de dois anos desde a eclosão do conflito, a derrota alemã se apresentasse já como provável.

¹⁰Destes dois termos bastante utilizados por Nietzsche em certa fase de seu pensamento – niilismo e decadência –, Spengler utilizaria, sobretudo o segundo (que, aliás, se transformaria em título de sua obra principal, embora em algumas obras na língua portuguesa a palavra "decadência" seja substituída por "declínio"), enquanto Heidegger utilizou principalmente o primeiro.

¹¹Como Sócrates não deixou escrito e Platão divulgou alguns de seus pensamentos, ao mencionar-se este, ao tratarmos de Nietzsche, deve-se ter em mente – por extensão – também a figura de Sócrates.

¹²Tal assertiva, no prólogo presente na obra "*Para além do bem e do mal*" é endossada por Heidegger em sua "Introdução à metafísica" (HEIDEGGER, 1999, p. 133).

¹³A superioridade da "Cidade de Deus" em relação à "Cidade dos homens" preconizada por Agostinho expressa tal perspectiva.

acontecimentos históricos, as correntes de ideias e os sistemas de governo. Nesses termos, considera a democracia, o socialismo e o anarquismo¹⁴

Ora, embora a utilização nazista do pensamento nietzschiano contenha extrapolações e deturpações deste, seu caráter nitidamente elitista é indiscutível; é neste sentido que se pode interpretar a frase de Marton: "Liberdade, igualdade e fraternidade': que lema soaria mais cristão aos ouvidos de Nietzsche?" (MARTON, 1990, p. 85). Se o Estado Moderno pósabsolutista tornou-se laico, sua adesão ao princípio igualitário não passa – para Nietzsche – duma adesão político-institucional à moral dos ressentidos. Noutros termos, proclamar a igualdade dos indivíduos seria uma astuciosa estratégia de nivelar os homens por baixo, negando a notória superioridade de alguns, os fortes¹⁵; "A Revolução Francesa é filha e continuadora do cristianismo" (NIETZSCHE apud MARTON, 1990, p. 89), afirma Nietzsche, demonstrando assim que, para ele, nada muda em essência. É desnecessário conhecer a fundo os pensamentos de Nietzsche e de Spengler para perceber como a apologia que aquele fez do(s) forte(s), bem como seu escárnio para com os fracos influenciou decisivamente o autor de "A decadência do ocidente", como ficará claro no decorrer de nossa exposição sobre este.

Voltando à Spengler, uma análise sucinta da metodologia por ele empregada em "A decadência do ocidente" permite-nos constatar o seguinte: recorrendo frequentemente a dicotomias o autor costuma valorizar um dos polos em detrimento do outro, aproximando-se assim dum maniqueísmo romântico e algo saudosista. Nas palavras de Partick Gardiner:

Dá-se preferência ao instinto, em oposição ao entendimento, à vida do campo em oposição à vida da cidade, à fé e ao respeito pela tradição em oposição ao cálculo racional e ao interesse próprio, à intuição e à imaginação em oposição à análise e ao método científico (GARDINER, 2004, p. 228).

A valorização spengleriana do instinto *em detrimento* do entendimento certamente remete à oposição que Nietzsche estabelece em seu pensamento inicial entre o apolíneo (enquanto arquétipo do entendimento) e o dionisíaco (enquanto arquétipo do instinto)¹⁶; por sua vez, a

¹⁴ MATOS, << >>; também Di Matteo aponta a crítica nietzschiana ao igualitarismo político moderno: "todas essas pretensas conquistas culturais – democracia, anarquismo, socialismo, as revoltas operárias que se espalham pela Europa são fruto de instintos de reação e de ressentimento [...] sintomas regressivos, *um retrocesso*, sinais de uma vida que declina" (DI MATTEO, 2010, p. 126, grifo no original).

¹⁵ Na *Genealogia da moral*, o filósofo dedica-se a analisar o modo pelo qual surge à moral dos ressentidos. O fraco concebe primeiro a idéia de 'mau', com que designa os nobres, os corajosos, os mais fortes do que ele – e então, a partir dessa idéia, chega, como antítese, à concepção de 'bom' que atribui a si mesmo" (MARTON, 1990, p. 90).

¹⁶Cabe salientar que, em nossa interpretação, a ênfase que Nietzsche dá ao instintivo (dionisíaco) não implica uma recusa absoluta do entendimento (apolíneo), mas antes uma espécie de estratégia metodológica de

romantização do campo/desvalorização do urbano, bem como a oposição ao "método científico" e ao "cálculo racional" encontraram forte eco nas obras de Heidegger, Convém, então salientarmos o amplo reconhecimento da influência que a obra de Spengler exerceu sobre o pensamento heideggeriano; ao mencionar "Ser e tempo" (mais famoso escrito de Heidegger), afirma Delacampagne: "o pensamento que nele se desenvolve é frequentemente apenas a transposição filosófica de certos temas caros a Spengler" (DELACAMPAGNE, 1997, p. 147). Já para George Steiner, "Há um eco mais que acidental entre o retrato que faz Heidegger da decadência psíquica e desejo planetário na modernidade e o Menschendämmerung, ou 'decadência do homem' de Spengler" ¹⁷ (STEINER, 1999, p. 14, grifo no original). Por sua vez, Bourdieu afirma que Heidegger "retoma numerosos temas spenglerianos, mas eufemizando-os (os cães e os burros do fragmento 97 de Heráclito, comentado, com outros, na Introduction à la métaphysique, tomando o lugar do leão e da vaca de Spengler)" (BOURDIEU, 1989, p. 44, grifo no original). É importante salientarmos que os autores que mencionam a influência de Spengler sobre Heidegger¹⁸ expressam-na no pensamento deste como um todo, em especial na questão da decadência e não no aspecto específico da crítica da tecnologia presente em ambos (embora nos dois pensadores tecnologia e decadência estejam imbricados). No que concerne à influência recebida por Heidegger na sua concepção da tecnologia, os autores por nós consultados salientam a figura de Ernst Jünger¹⁹. Acreditamos que o motivo desta ênfase na influência de Jünger em detrimento da de Spengler na concepção heideggeriana da tecnologia deve-se, sobretudo ao fato de o esquecimento do pensamento de Spengler ter sido inversamente proporcional a sua

reequilíbrio entre estes dois pólos; já no caso de Spengler, enxergamos um verdadeiro maniqueísmo; dito de maneira mais explícita: Spengler se apropria de temáticas nietzschianas, mas as trabalha de modo diferente do empreendido por Nietzsche, de modo que, dificilmente este se identificaria nas formulações elaboradas por aquele; acreditamos que, ao contrário, Nietzsche repudiaria o fatalismo spengleriano como sintoma inequívoco da decadência. Neste sentido, fazem-se absolutamente pertinentes as seguintes palavras de Adorno: "A proclamação spengleriana do declínio da cultua esconde o desejo do autor" (ADORNO, 2001 p. 56). Podemos assim rebater a anteriormente citada assertiva de Spengler, segundo a qual "Cada um descobre no presente os 'sintomas' de um progresso linear, especialmente significativo, não porque possa comprová-lo cientificamente, mas porque o acha desejável" (SPENGLER, 1982, p. 32), afirmando valer o mesmo para quem descobre no presente sintomas dum declínio necessário. Para um maior aprofundamento nas noções nietzschianas de apolíneo e dionisíaco, Cf. NIETZSCHE, 2005.

¹⁷Tradução nossa; no original consultado: "Hay un eco más que accidental entre el retrato que hace Heidegger de la decadencia psíquica y desecho planetario en la modernidade y el *Menschendämmerung*, o 'decadencia del hombre' de Spengler". Na página 148 Steiner reafirma tal perspectiva.

¹⁸Também Loparic aponta esta influência, embora a considerando menor que a exercida pelo pensamento de Jünger: "Em termos de Nietzsche – que guiou por muito tempo a meditação de Heidegger, conduzida na companhia de Jünger (e, em menor medida, de Spengler) –, trata-se da emergência do ser do ente como vontade do poder" (LOPARIC, 2009, p. 221).

¹⁹Embora menções à obra "O trabalhador" de Ernst Jünger como importante influência na concepção heideggeriana da tecnologia sejam frequentes nos comentadores por nós consultados, talvez pela ausência dum mínimo aprofundamento nesta relação por parte deles, havíamos negligenciado tal influência na versão desta dissertação que foi apresentada para qualificação. Agradecemos ao professor Dr. Richard R. Oliveira por chamar nossa atenção para tal lacuna.

celebração, ou seja, se o autor tornou-se internacionalmente conhecido num curto espaço de tempo, igualmente tornou-se esquecido (antes disso tendo sido bastante criticado) com igual velocidade e intensidade. Nas palavras de Adorno: "Na Alemanha, Spengler foi repudiado como pessimista e reacionário, no sentido que os poderosos de então davam a estas palavras, e no exterior foi considerado um dos cúmplices ideológicos da recaída na barbárie" (ADORNO, 2001, p. 44). A ambiguidade do pensamento spengleriano permitiu ao regime nazista repudiálo, em virtude do caráter fatalista de seu pessimismo²⁰ ao passo que sua defesa dos dominadores²¹ parece endossar o intento do regime, gerando repulsa na opinião pública estrangeira. Fica assim explicado o escandaloso silêncio no que concerne ao evidente parentesco existente entre o livreto "O homem e a técnica" de Spengler (amplamente ofuscado por "A decadência do ocidente", embora seja posterior a este último) e a célebre conferência de Heidegger, intitulada "A questão da técnica"²².

Voltando ao texto de "*A decadência do ocidente*", em tópico presente na sua introdução, intitulado "O Imperialismo como término", afirma Spengler a autonomia (!) e a impossibilidade de se deter a expansão imperialista, numa nítida hipostasiação que certamente exerceu forte influência sobre Heidegger²³:

Nesse caso, não há alternativa. Já não são decisivas nem sequer a vontade consciente do indivíduo nem a de classes ou povos inteiros. A tendência expansiva é uma fatalidade, algo demoníaco, monstruoso, a apossar-se do homem da fase tardia das metrópoles. Obriga-o a obedecer-lhe e consome-o, consinta ele ou não, saiba-o ou não (SPENGLER, 1982, p. 51).

Esta passagem é paradigmática: tal suposta fatalidade deixa claro não haver esperança no pessimismo spengleriano: ao contrário, é o fatalismo que transborda de seu pensamento. Por isso, pode-se dizer, acerca de "A decadência do ocidente", que "toda a doença desse importante livro consiste no fato de ele ter se esquecido do homem, de sua criatividade e liberdade. Apesar de toda a interiorização, a história é desumanizada em uma consequência de processos tipicamente naturais (JÖEL apud ADORNO, 2001, p. 62), ou seja, ao conceber o desenvolvimento das sociedades nos moldes dos organismos vivos, Spengler adotou uma

²⁰Este repúdio deve ser relativizado, pois se é verdade que Spengler não apoiou (ao menos não de forma explícita) o regime nazista (ao contrário de Heidegger), a influência que seu pensamento exerceu sobre o nazismo foi central. Segundo Faye "Quase todas as palavras de Spengler se encontram na doutrina nazi" (FAYE, 2009, p. 430, tradução nossa, no original consultado: "Casi todas las palabras de Spengler se encuentran en la douctrina nazi").

²¹Segundo Adorno, "Toda a simpatia de Spengler fica do lado dos dominantes" (ADORNO, 2001, p. 53); veremos isso mais claramente no tópico seguinte, ao analisarmos "*O homem e a técnica*".

²² Por motivos de espaço, suprimimos menções de Heidegger à Spengler em algumas de suas obras.

²³Tal influência é explícita especificamente nas considerações heideggerianas acerca do perigo da técnica, como veremos posteriormente.

perspectiva determinista, haja vista que não só estabeleceu seu declínio e morte necessários, mas sugeriu inclusive o período de tempo aproximado no qual isto se daria²⁴, ignorando assim que, enquanto âmbito não exclusivamente natural, mas também cultural, uma determinada sociedade pode desenvolver-se indefinidamente, ao contrário dos organismos, os quais podem prolongar sua durante um período de tempo relativamente determinado.

Um aspecto particularmente interessante do pensamento spenlgeriano consiste em seu peculiar hibridismo de metafísica com positivismo:

Spengler seria de fato um metafísico, como ele mesmo e seus inimigos afirmavam? Formalmente, se se atém à predominância do sistema conceitual sobre o conteúdo empírico, à dificuldade ou impossibilidade de verificação e aos conceitos auxiliares grosseiramente *irracionalistas* de sua teoria do conhecimento, ele certamente é um *metafísico*. Mas quando se examina a substância desses conceitos, chega-se sempre a desideratos *positivistas*, especialmente no culto dos "fatos" (ADORNO, 2001, p. 57, grifos nossos)

Embora nem todos os interpretes concordem com este suposto positivismo spengleriano²⁵, no que concerne ao seu explícito e assumido intuito de predizer a história, não resta dúvida existir nítida influência positivista em seu pensamento; nas palavras de Collingwood:

Esta concepção é abertamente positivista. A história propriamente dita é substituída por uma morfologia da história, por uma ciência naturalista, cujo valor consiste na análise externa, no estabelecimento de leis gerais, e (o que é índice decisivo dum pensamento não histórico), a pretensão de predizer o futuro, segundo princípios científicos (COLLINGWOOD, 1981, p. 228-229).

Tendo analisado não apenas obras *sobre* Spengler, mas também escritos *do próprio*, não temos dúvida de que o pensamento deste é inequivocamente fatalista (e, portanto, determinista), podendo ser classificado com segurança como "ingênuo", para utilizarmos a recorrente e central expressão utilizada por Álvaro Vieira Pinto em suas obras. No entanto, acreditamos que a ampla popularidade alcançada por "*A decadência do ocidente*", embora se tenha assentado, sobretudo, no contexto histórico que parecia confirmar as principais previsões de seu autor, não deixou de se basear também nesta ambiguidade, afinal a

²⁴"[...] Estas culturas têm um espaço vital limitado (sugere-se 1000 anos como número aproximado)" (GARDINER, 2005, p. 228).

²⁵Gardiner, por exemplo, afirma: "Apesar da linguagem rapsódica de Spengler, o seu significado a este respeito é claro e tem um certo interesse. Dirige-se claramente e em grande medida contra as ideias positivistas e <<ci>ientistas>> que tinham, a partir de Comte, afetado grandemente a historiografía e a teoria histórica dos finais do século XIX" (GARDINER, 2005, p. 230).

combinação duma perspectiva metafísica que beira o irracionalismo com uma abordagem que, embora não convencional, não deixa de flertar com o "cientificismo" (embora tal palavra deva ser concebida num sentido peculiar: não se trata de entendimento, mas de intuição²⁶, cuja prerrogativa, entretanto, se identifica com soberba epistemológica do século XIX/XX) exerceu forte atração nos pensadores e pessoas comuns cuja simpatia pela dimensão intuitivo-metafísica não excluía o apreço pela razão e pela ciência. Desse modo, ao apontar sua filiação a um método histórico-filosófico (o de Goethe) ²⁷, Spengler se afasta duma concepção que se pretenda mística, embasada pela fé, e se aproxima duma perspectiva científica, embora não no sentido analítico-experimental que este termo possuía já no século XIX e que persiste nos dias de hoje. Em termos mais explícitos: sua teoria seria uma forma de conhecimento racional (opondo-se assim ao conhecimento oriundo exclusivamente da fé), embora não sistemático (opondo-se, neste sentido a vertente analítico-matemática do conhecimento em prol duma concepção poética) ²⁸.

Não poderíamos deixar de dizer que apesar de seus muitos equívocos, "*A decadência do ocidente*" também possui méritos importantes, como a crítica ao etnocentrismo eurocêntrico (p. 34-35), e a crítica à suposta superioridade do presente sobre o passado (p. 38), ambos constituindo marca registrada da "modernidade", conceito este também refutado por Spengler, como vimos anteriormente.

Antes de passarmos ao escrito específico que Spengler dedicou à tecnologia, convém fazermos uma rápida explanação de sua exposição sobre o tema, contida já em "*A decadência do ocidente*". Em sessão intitulada "o mundo das formas econômicas: a máquina", a essência

²⁶No prefácio a edição revista de "*A decadência do ocidente*", afirma o autor sobre a obra: "Ela só contém um aspecto do que se descortina à minha frente, uma visão nova apenas da História, uma filosofia do Destino, a primeira do seu gênero. É *intuitiva* em todas as suas partes" (SPENGLER, 1982, p. 18, grifo nosso).

²⁷Um dos tópicos da introdução de "A decadência do ocidente" chama-se "O método de Goethe – o único método histórico"; é nele que Spengler expõe a oposição por nós anteriormente mencionada, entre mundo como organismo (natureza viva) e mundo como mecanismo (natureza morta); em nota, ainda na introdução, Spengler defende ter sido Goethe filósofo (ao contrário da concepção hegemônica entre os intelectuais/pensadores). Em suas palavras: "Devo a filosofia deste livro à de Goethe, quase desconhecida ainda hoje, e em muito menor quantidade, à de Nietzsche. A importância de Goethe para a metafísica ocidental não foi compreendida, por enquanto. Nem sequer costumam citá-lo, quando se trata de filosofia. Infelizmente, ele não formulou sua teoria num sistema rígido; razão por que o esquecem os autores sistemáticos. No entanto, foi filósofo. Assume, com relação a Kant, a mesma posição que coube a Platão em confronto com Aristóteles. Seria igualmente difícil confinar Platão nos limites de um sistema. Platão e Goethe representam a filosofia do devir; Aristóteles e Kant, a do que deveio. Nesse caso, a intuição está em antagonismo com a análise" (SPENGLER, 1982, p. 62, nota nº 1, grifos nossos). Ora, embora se afaste duma abordagem analítico-sistemática (não no sentido estrito da filosofia analítica contemporânea, mas no sentido sistemático do pensamento de Aristóteles e Kant em oposição ao pensamento "rapsódico" de Platão, Goethe e Nietzsche), não é correto afirmar que o pensamento spengleriano se encerre totalmente numa intuição mística destituída de contato com a razão, pois embora Goethe e Nietzsche (suas duas principais influências) possam ser considerados românticos, isto não implica irracionalismo, mas antes adesão ao que chamaríamos duma razão poética.

²⁸Embora não tenhamos visto nenhuma menção literal neste sentido, acreditamos ser óbvia a proximidade de Spengler em relação a Vico, em detrimento de Descartes, análoga sua adesão à Platão e Goethe em detrimento de Aristóteles e Kant).

do que o autor desenvolveria em "O homem e a técnica" já se fazia presente; nas palavras de Spengler: "O momento decisivo da história da vida superior ocorre quando as percepções da Natureza, feitas na intenção de orientar-se à base delas, convertem-se em ações destinadas a dar à Natureza determinado caráter, modificando-a propositalmente" (SPENGLER, 1982, p. 435). Significa isto que, para o autor (assim como para Heidegger, posteriormente), o perigo da técnica moderna (tecnologia) reside na modificação essencial da relação entre homem e natureza: se antes aquele se adaptava a esta, agora o humano adapta a natureza a si mesmo, violentando-a. Radicalizando tal perspectiva, afirma Spengler que "a Técnica torna-se até certo ponto soberana" (Ibid., p. 435); concebendo-se a "máquina como cosmo minúsculo" (Ibid., p. 437), esta "arvorar-se-á em tirania" (Ibid., p. 436), convertendo o homem em "servo da sua própria criação" (Ibid., p. 438, grifos no original). Com inquestionável clareza, afirma ainda Spengler:

Seu número e a disposição da sua vida são obrigados pela máquina a seguirem uma trilha na qual não há descanso nem possibilidade de retrocesso. Um pequeníssimo ramo do artesanato, a economia beneficiadora, produziu nesta cultura, e somente nela, aquela poderosa árvore, cuja sombra se estende sobre todas as demais profissões; refiro-me ao *mundo econômico da indústria mecanizada*. Requer ele obediência do industrialista tanto como do operário de fábrica. Ambos são escravos e não donos da máquina, que só agora demonstra o seu secreto e diabólico poder (Ibid., p. 438, grifo no original).

O caráter hipostasiador de tal formulação é tão evidente que nos exime de comentários mais extensos; a idéia central, segundo a qual o homem criou a técnica e tornou-se escravo desta (o que implica dotá-la de vontade, atribuindo-lhe assim vida orgânica), presente já em "A decadência do ocidente", será aprofundada por Spengler em "O homem e a técnica", obra sobre a qual nos debruçaremos a seguir.

b) "O homem e a técnica"

No primeiro capítulo²⁹ de sua obra que versa especificamente sobre a tecnologia, intitulada "*O homem e a técnica*" (1931), Spengler afirma: "a técnica é a tática da vida inteira. É a forma íntima do comportamento em luta, o que é idêntico à vida em si" (SPENGLER, 1993, p. 40). Assim, se nos demais animais há instrumentos biológicos (chifres, presas, garras) e instintivos (capacidade aparentemente inata de construir, por exemplo, tocas, colmeias), no homem há a técnica, utilizada desde os primórdios da humanização e aperfeiçoada paulatinamente (o que não acontece com os demais animais). Ainda segundo o

²⁹ Primeiro capítulo: a técnica como tática vital

autor, "toda a confrontação com um problema gera a necessidade de criar uma técnica adequada" (Ibid., p. 41) e ainda: "Cada máquina serve um determinado processo e sua existência deve-se às sucessivas congeminações dirigidas e suscitadas pelo próprio processo" (Ibid., p. 41). Pode-se afirmar com segurança que tais formulações seriam corroboradas por Álvaro Vieira Pinto: a identificação entre técnica e vida advindo justamente do caráter necessário daquela para a existência humana, analogamente ao papel desempenhado pelas asas nas aves voadoras, das garras nos felinos, dos pelos nos mamíferos e penas nos ovíparos, etc. Em termos mais explícitos: sem técnica não haveria vida humana; por sua vez, o apontamento spengleriano da necessidade dum problema para que seja desenvolvida uma determinada técnica a fim de resolvê-lo só reforça a ênfase o papel social da técnica, aspecto este tão frisado por Vieira, como vimos anteriormente. Entretanto, as convergências entre os pensamentos destes dois autores acerca da tecnologia são muito menores que suas divergências: de acordo com Spengler a técnica "ultrapassa o âmbito da vida do homem, atinge a esfera da vida animal" ³⁰ (Ibid., p. 39). Vieira, por sua vez, endossando a celebre assertiva marxiana por nós anteriormente citada, segundo a qual "[...] o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade" (MARX, s.d., p. 202) afirma que "Nos animais não há técnica" (PINTO, 2005, p. 147), e prossegue:

O predador, ao espiar a presa e sobre ela se lançar com movimentos específicos adequados, não desempenha uma técnica, mas apenas percorre o circuito de atos predeterminados na codificação genética e nas descargas hormonais inerentes à sua constituição (Ibid., p. 147)

Isto significa que para Vieira (e para a maior parte dos estudiosos, numa perspectiva com a qual concordamos), as atividades desempenhadas pelos demais animais não pode ser considerada propriamente técnica, pois deriva necessária e essencialmente de seu instinto, e não sendo, portanto, concebida racionalmente. Como afirma ainda Vieira, "A ideia da técnica contém ainda, entre outras conotações, a liberdade que o ser capaz de engendrá-la possui de propor a si mesmo fins não prefixados no acervo de condutas herdadas" (Ibid., p. 147).

No segundo capítulo³¹ de "*O homem e a técnica*", investe Spengler na dicotomia entre o predador e a presa, exaltando aquele em detrimento desta, afirmando que "O animal de rapina é a forma mais elevada de vida" (SPENGLER, 1993, p. 51), que "O fato de o homem ser um predador confere-lhe um alto grau de dignidade" (Ibid., p. 51) e que "O herbívoro está

³⁰Para Spengler, o instinto constitui a(s) técnica(s) invariável dos animais, de modo que sua concepção da técnica prescinde da racionalidade, consistindo ela em qualquer ato que favoreça a vida.

³¹Segundo capítulo: herbívoros e animais predadores.

predestinado a ser uma presa e em vão tenta subtrair-se a esse destino, pela fuga" (Ibid., p. 51). Já no quarto capítulo³², afirma Spengler existirem "não só duas espécies de técnicas" (Ibid., p. 84), mas "duas categorias de homens" (Ibid., p. 84), a saber:

Tal como em qualquer processo há uma técnica de dirigir e outra de executar, também existem, de uma forma igualmente visível e constatável, homens nascidos para mandar e outros para obedecer, agentes e pacientes dos diversos processos políticos e econômicos (Ibid., p. 84).

Não satisfeito em justificar o domínio de alguns homens sobre outros — mais precisamente, duma minoria sobre uma maioria, como deixa clara a citação de "O homem e a técnica" feita por Vieira Pinto: "O grupo das naturezas nascidas para dirigir continua sendo pequeno. É a manada dos animais de rapina propriamente ditos, o punhado de aptos que dispõe de algum modo do rebanho crescente dos demais" (SPENGLER apud PINTO, 2005, p. 144) —, Spengler justifica a dominação de alguns povos sobre outros ao conceber os Estados/Nações como predadores: "Existem povos cuja raça vigorosa conservou as características do predador. São povos senhoriais, conquistadores, que pelo combate invadem e subjugam outros povos" (SPENGLER, 1993, p. 87). Para o autor de "A decadência do ocidente", esta (a decadência), advém justamente da negação contemporânea da superioridade de alguns homens (e, por extensão, países):

Finalmente, há uma hierarquia *natural* entre os homens nascidos para comandar e os nascidos para obedecer, entre os que conduzem e os que são conduzidos. A existência dessa diferença *natural* é um *dado absoluto e factual*; em épocas sãs e no seio de povos sãos, ela é admitida por todos mesmo que, por vezes, com dificuldade. Mas nos anos de decadência, a maioria dos indivíduos esforça-se por negá-la. Até a própria repetição fastidiosa da fórmula <<todos os homens são iguais>> é reveladora do esforço que se faz para negar a existência dessa diferenciação (Ibid., p. 86, grifos nossos).

Este caráter supostamente natural da diferenciação humana em dominantes e dominados, seja entre os indivíduos, seja entre os povos é passível de críticas contundentes, como a que formula Vieira Pinto (e muitos outros):

Spengler visava na verdade a propagar uma concepção racista da história, segundo a qual os "homens de cor", e nestes se incluem todos os povos da Europa Oriental e Meridional, além do mundo subdesenvolvido que nem merece citação, ou seja todos quantos não são "nórdicos", aparecem naturalmente predestinados a se tornarem

.

³² Quarto capítulo: o segundo estádio: linguagem e empreendimento.

vítimas dos "povos senhoriais", os que possuem a "técnica da rapina", expressão biológica máxima da vida independente (PINTO, 2005a, p. 144)

O leitor atento pôde perceber o caráter sintético da citação de Vieira Pinto: abarcando vários conceitos/perspectivas defendidas por Spengler ao longo de "O homem e a técnica" (expressões como "povos senhoriais" e "técnica da rapina", bem como a predestinação do abate da presa), o filósofo brasileiro pintou um elucidativo painel não só dos conceitos, mas também das intenções de Spengler. Após afirmar que "Pretende o autor fundar a concepção da técnica sobre uma base biologista de caráter animista, que não esconde o irracionalismo de seu pensamento, pretensamente servido de pontos de apoio científicos fornecidos pelo estudo dos seres vivos" (Ibid., p. 143), Vieira Pinto demonstra que a suposta superioridade do carnívoro não se sustenta, afirmando que "A distinção impressionista do superficial escritor alemão revela-se uma cômica ironia quando nos lembramos que o furibundo rinoceronte é um herbívoro, enquanto a assustadiça doninha é um carnívoro." (Ibid., p. 144).

Se as formulações de Spengler acima expostas são facilmente discerníveis em sua absurdidade para os leitores sensatos, menos óbvia é a contradição interna do próprio escrito "O homem e a técnica": após afirmar – como vimos no início desta sessão –, que "Cada máquina serve um determinado processo e sua existência deve-se às sucessivas congeminações dirigidas e suscitadas pelo próprio processo" (SPENGLER, 1993, p. 41), ou seja, que possui caráter social, afirma o autor que

Todas as grandes descobertas e invenções brotaram do prazer que os homens fortes experienciam quando triunfam. São *manifestações de personalidade e não uma consequência de considerações utilitárias para as massas*, que apenas podem desempenhar o papel de espectadores perante tais eventos (Ibid., p. 105, grifo nosso).

Trata-se aqui duma exaltação inteiramente desproporcional do chamado gênio, "divina centelha que surge misteriosa e subitamente no decorrer das gerações, para depois se extinguir e logo reaparecer de forma igualmente inopinada, iluminando toda uma época" (Ibid., p. 85). Ora, embora não se possa negar a existência destes indivíduos diferenciados cuja alcunha de "gênio(s)" indica estarem eles aparentemente a frente de seu tempo, uma apreciação mais acurada da realidade nos mostra que mesmo nas maiores rupturas não cessam de existir permanências, de modo que a inovação supostamente empreendida exclusivamente pelo "gênio" não possui caráter apenas pessoal, mas também social, tendo em vista que os conhecimentos dos quais se vale o indivíduo para a sua "iluminação" foram formulados não

por ele, mas pela humanidade, no decorrer de várias gerações, como vimos anteriormente ao analisar especificamente o pensamento de Vieira Pinto acerca da tecnologia³³.

Embora concorde com a perspectiva de Spengler segundo a qual "em todos os 'manejos' humanos, isto é, nas ações humanas, há uma técnica, assim na guerra, na diplomacia, na administração do Estado, na pintura, na equitação, na aviação, etc." (PINTO, 2005, p. 146) ³⁴; Vieira opõe-se a sua rejeição das máquinas, criticando tal perspectiva nos seguintes termos:

Sobretudo, o desligamento estabelecido entre a técnica e a máquina, a recusa de compreender esta última como manifestação das possibilidades de criação de instrumentos constitutivos da cultura em cada época, destinam-se a sugerir o desprezo pelas máquinas, para o autor o grande inimigo (Ibid., p. 146).

Luís Washington Vita, por sua vez, classifica Spengler entre os pensadores antitécnicos, os quais, segundo ele, concebem que "O mundo no qual domina a máquina é um mundo sem alma, nivelador, mortificador; é um mundo no qual a quantidade tomou o lugar da qualidade definitivamente e no qual o culto dos valores do espírito foi substituído pelo culto dos valores instrumentais e utilitários" (VITA, 1963, p. XXVIII). Cita então uma passagem de "*O homem e a técnica*" elucidativa a este respeito:

Com razão foi a máquina considerada como diabólica. Para um crente significa o destronamento de Deus. Entrega ao homem a sagrada causalidade, e o homem a põe em movimento silenciosamente, irresistivelmente, com uma espécie de previdente onisciência (SPENGLER apud VITA, 1963, p. XXXI).

Ao dotar a máquina dum caráter diabólico, Spengler exime de responsabilidade os verdadeiros culpados pelas agruras contemporâneas da humanidade: o próprio homem, construtor não só das máquinas, mas também da organização social que legitimava e impunha uma verdadeira escravização do humano ao maquinal, cujo exemplo paradigmático fora os

³³Naquele momento, apontamos a imbricação necessária entre técnica e sociedade, no sentido de não poder aquela passar a frente desta, como ficou claro no exemplo das invenções concebidas por da Vinci que só puderam ser construídas séculos mais tarde. Na presente discussão, remetemos o leitor à página 363 do volume primeiro de "*O conceito de tecnologia*" para uma explicação mais detalhada de como o progresso individual do "gênio" assenta-se necessariamente nos progressos sociais anteriormente conquistados; por uma questão de espaço, limitamo-nos a dar o seguinte exemplo (nosso): enquanto construção social, a linguagem é condição necessária para qualquer invenção e o "gênio" só tem acesso a ela mediante sua inserção em um dado tempo e lugar – em suma, ao integrar-se a uma cultura, de modo que, toda invenção individual é simultânea e necessariamente social. É neste sentido que afirma Vieira: "O homem isolado não inventa, quando muito vale-se com astúcia dos conhecimentos possuídos" (PINTO, 2005a, p. 485).

³⁴Segundo Vieira, o caráter existencial da técnica "explica por que todos os atos humanos são técnicos" (PINTO, 2005, p. 408).

dos trabalhadores britânicos da chamada primeira Revolução Industrial. Em tal caso, a escravização do homem pela máquina não significou a submissão do humano a uma suposta vontade daquela, mas, na realidade, a escravização do homem pelo homem, tendo na máquina o mediador de tal processo, como tão bem explicou Vieira Pinto. Não há dúvida, porém, que, para Spengler, a máquina possui vontade; nas palavras do próprio:

A criatura ergue-se contra aquele que a criou. Assim, tal como, um dia, o microcosmo-Homem se revoltou contra a Natureza, agora o microcosmo-Máquina se subleva contra o homem Nórdico. O senhor do Mundo está a caminho de devir o escravo da Máquina, que a força – que nos força a todos, estejamos ou não conscientes disso – a seguir na sua trajetória. O triunfador, abatido, é condenado a morrer espezinhado pelo galope de seus cavalos (SPENGLER, 1993, p.107).

O caráter hipostasiador da concepção spengleriana da tecnologia fica então demonstrado de maneira inquestionável. Diante de tal sublevação mecânica (!) resta-nos apenas, segundo ele, a resignação heroica:

O otimismo é covardia. Nascidos nesta época, temos de percorrer até o final, mesmo que violentamente, o caminho que nos está traçado. Não existe alternativa. O nosso dever é permanecermos, sem esperança, sem salvação, no posto já perdido, tal como o soldado romano cujo esqueleto foi encontrado diante de uma porta de Pompéia, morto por se terem esquecido, ao estalar a erupção vulcânica, de lhe ordenarem a retirada. Isso é nobreza, isso é ter raça (SPENGLER, 1993, p. 119).

O aspecto final que gostaríamos de destacar consiste na influência que tais formulações spenglerianas exerceram (e ainda exercem) sobre diversos pensadores da tecnologia. Isto fica particularmente claro quando se compara seu pensamento com o de Martin Heidegger.

Considerações finais

A oposição entre as perspectivas de Álvaro Vieira Pinto e Oswald Spengler sobre a tecnologia é, a nosso ver, deveras elucidativa em relação ao aspecto mais amplo do pensamento de ambos, ou seja, para além de seus posicionamentos em relação ao tema específico da tecnologia. Ao confrontarmos as duas perspectivas tecnológicas podemos vislumbrar o lugar que cada uma ocupa: a do dominador decadente, que lamenta o afrouxamento de seu domínio e a do dominado que busca libertar-se do julgo alheio³⁵.

Outro aspecto de fundamental importância a ser destacado consiste no caráter necessariamente antropológico da tecnologia apontado por Álvaro Vieira Pinto, haja vista que é a técnica (constituindo a tecnologia nada mais que um desdobramento contemporâneo desta) que nos humaniza, ao passo que esta só existe através dos humanos, de modo que a oposição entre tecnologia e humanidade não faz sentido, justamente por um não existir sem o outro. Dessa forma, o propagado "perigo da técnica" não passa de perigo que o próprio homem inflige a si mesmo, não constituindo a técnica/tecnologia uma força autônoma que, sendo criada pelo humano, o domina, subjugando-o. Cabe estabelecer aqui uma analogia: da mesma forma que a "independência" e a "redemocratização" do Brasil foram menos conquistadas, que consentidas (ou seja, o processo teve origem eminentemente exógena), a dominação do humano pelo tecnológico não consiste em imposição deste àquele, mas exatamente o contrário, ou seja, não é a tecnologia que escolhe dominar o humano (afinal a tecnologia não possui vontade e só pode-se dizer que ela pense num sentido muito restrito do termo, sendo este restrito às ainda precárias construções de inteligência artificial), sendo – isto sim –, o humano que escolhe submeter-se ao tecnológico, impondo-lhe assim a onipresença (é o que acontece, por exemplo, quando se opta por ir de carro até a padaria da esquina ao invés de se ir caminhando)³⁶. Dessa forma, ao olhar a tecnologia e enxergá-la em si mesma, o humano demonstra uma perigosa alienação, tendo em vista que a forma justa de encarar a tecnologia

³⁵ A questão do local de onde fala cada autor provavelmente só será compreendida pelo leitor de maneira mais profunda com a leitura de nossa dissertação, haja vista a falta de espaço para contextualização (sobretudo do pouco conhecimento Álvaro Vieira Pinto) no presente artigo. Em linhas gerais, trata-se da ideia de que Spengler era alemão, num período em que as guerras mundiais ameaçavam o mundo ao qual ele estava convenientemente acostumado (fim do século XIX e início do século XX), ou seja, a guerra poderia fazer com que a Alemanha perdesse os privilégios dos quais gozava, como de fato ocorreu em ambas as guerras mundiais. Por sua vez, Vieira, brasileiro, escreveu numa época em que seu país lutava para conquistar a autonomia política e econômica, através dum movimento chamado nacional desenvolvimentismo.

³⁶Cabe aqui fazermos um importante esclarecimento: mesmo indo a pé à padaria, não se livra o indivíduo da onipresença tecnológica, sendo esta verificada em sua roupa, em seu calçado, no asfalto em que ele pisa, bem como no espaço físico da padaria e na técnica de feitura dos pães; o que tal exemplo quis salientar é que podemos escolher de que forma nos relacionamos com a tecnologia, não sendo o "imperativo tecnológico" nada mais que um imperativo antropológico.

(mediante uma visão da totalidade) é enxergar a si mesmo ao olhar para ela, tendo em vista ter ela sido construída por nós (humanos) e, reciprocamente, sendo ela a responsável por nossa própria humanização, num processo de interdependência dialética.

Quanto ao caráter neutro da tecnologia apontado por Vieira, concordamos com ele, não significando isto que neguemos os aspectos destrutivos de sua utilização, mas que atribuamos a responsabilidade para com eles aos humanos e não aos próprios artefatos tecnológicos, haja vista que afirmar não ser a tecnologia neutra consiste em lhe atribuir valores, quando na realidade só os atos humanos possuem valores, consistindo a tecnologia em mero instrumento para a realização de tais ações.

Acreditamos, assim, que o caráter social da tecnologia defendido por Vieira em oposição a concepção desta como sendo obra do gênio individual preconizada por Spengler constitui uma fecunda contribuição do presente trabalho para a literatura dos estudos de ciências-tecnologias-sociedades (CTS), haja vista a possibilidade que tal enfoque nos dá em termos de democratização da tecnologia, em contraste com suas recorrentes utilizações em prol do privilégio de minorias, pois sendo uma criação coletiva (social), deve a tecnologia ser usufruída em semelhante medida por todos. Esperamos ainda haver contribuído para a difusão do pensamento deste importante e pouco conhecido filósofo brasileiro chamado Álvaro Vieira Pinto.

Referências

ADORNO, Theodor. Spengler após o declínio. In. _____. *Prismas*: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ontologia política de Martin Heidegger. Campinas: Papirus, 1989.

COLLINGWOOD, R.G. A idéia de história. 5. Ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

DELACAMPAGNE, Christian. História da filosofia no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DI MATTEO, Vincenzo. Nietzsche, pensador da modernidade. In. Revista cadernos Nietzsche, nº 27,

2010; Disponível na Internet: << http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/item/148-nietzsche-pensador-da-modernidade Acesso em 23/02/2012.

HARRINGTON, Michael. *A revolução tecnológica e a decadência contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

HOBSBWAM, Eric. A era dos Impérios: 1875-1914. 9. Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2005.

LOPARIC, Zeljko. Metafísica e técnica em Heidegger. In. _____. (Org.). *A Escola de Kyoto e o perigo da técnica*. São Paulo: DWW Editorial, 2009.

MARTON, Scarlett. Nietzsche e a Revolução Francesa. In. Revista *Discurso*, 1990. Disponível na Internet:

<< http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso/pdf/D18_Nietzsche_e_a_revolucao_francesa.p df>> Acesso em 06/03/2012.

MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, [s.d.]. V.1.

MATOS, Junot Cornélio. *Críticas nietzscheanas à modernidade*. Disponível na Internet: << http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp28art12.pdf>>> Acesso em 23/02/2012.

NIETZSHE, Friedrich. O nascimento da tragédia. São Paulo: Rideel, 2005.

PATRINI, Augusto. Oswald Spengler: um enigma histórico-intelectual no século XX. Disponível na Internet. << http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Augusto%20Patrini.pdf >> Acesso em 01/12/2011.

PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. 1.

SPENGLER, Oswald. A decadência do ocidente. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982

.O homem e a técnica. 2. Ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

STEINER, George. Heidegger. 2. Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

VITA, Luis Washington. Prólogo. In. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditação da técnica*. Rio de Janeiro: LIAL, 1963.